

POPULAÇÃO LGBTQIPA+ COMO BODE EXPIATÓRIO NO BRASIL

LGBTQIPA+ POPULATION AS SCAPEGOATS IN BRAZIL

ANA CAROLINE NUNES DOS SANTOS
Universidade Católica de Petrópolis, Brazil
ana.42240002@ucp.br

Received: 09/16/2022

Accepted: 09/20/2022

Published: 09/25/2022

Resumo: René Girard com suas teorias sobre sacrifício, desejo mimético e bode expiatório buscou entender a sociedade como ela se comporta em meio à crise e fora dela, justificando a rivalidade e o ódio pelo modelo/rival. Neste sentido, busca expor o modo como estas teorias se relacionam com a sociedade brasileira atual no que diz respeito ao grupo social LGBTQIPA+.

Palavras Chaves: LGBTQIPAfobia. René Girard. Rivalidade mimética. Sacrifício. Sexualidade. Violência.

Abstract: René Girard, with his theories about sacrifice, mimetic desire and scapegoat, sought to understand society as it behaves in the midst of crisis and outside it, justifying rivalry and hatred for the model/rival. In this sense, it seeks to expose how these theories relate to current Brazilian society with regard to the LGBTQIPA+ social group.

Keywords: LGBTQIPhobia. René Girard. Mimetic rivalry. Sacrifice. Sexuality. Violence.

1. INTRODUÇÃO

O artigo tem por objetivo apresentar linhas gerais do pensamento de René Girard acerca de suas teorias sobre sacrifício, desejo mimético e bode expiatório. A intenção deste trabalho é discutir suas teorias em alinhamento com as discriminações sofridas pelos grupos LGBTQIPA+ (Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Poli, Não-binárias e mais) no Brasil.

A teoria do sacrifício de Girard aduz a violência do homem em razão da religião e da necessidade de vingança, que possui ligação direta com a moralização e a culpabilização dos sujeitos na sociedade. As religiões se originam do sacrifício, por anos os homens são violentos e matam em nome da religião. Não é à toa que o autor chama inúmeras vezes as sociedades de sacrificiais (GIRARD, 2012).

Quanto ao bode expiatório, na teoria Girardiana, este é o sujeito que sofre o sacrifício e é vitimizado em prol da sociedade, é ele que representa uma crise de valores na sociedade, que origina a rivalidade mimética por meio dos mecanismos vitimários e a cadeia de violência. Matar para dar fim ao conflito: a vítima passa a ser sagrada (GIRARD, 2004).

Girard defendia que os homens são seres miméticos, isso significa dizer que são movidos pelo desejo. Já o desejo, é o ponto de ignição da violência, gerando a rivalidade e alimentando o ódio que acaba por envolver toda a comunidade e ameaçar a ordem social e sobrevivência dos grupos rivais, denominado pelo autor como crise mimética (DE GODOY, 2012).

Utilizou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica associada à técnica discursiva expositivo-argumentativa, empregada para a discussão crítica do tema. A fonte de coleta de dados desse estudo é constituída de livros e artigos científicos, com busca realizada nos meses de março a junho de 2022. A pergunta que norteou a presente pesquisa foi a seguinte: quais os principais fatores que levam a população LGBTQIPA+ ser considerada um bode expiatório no Brasil? Como referencial teórico para esta pesquisa foram utilizados os livros “O Bode Expiatório” e “O Sacrifício” do autor René Girard.

2. ABORDAGEM TEÓRICA

A teoria Girardiana do Bode Expiatório representa a crise de valores da sociedade. A sociedade precisa de uma vítima sacrificial para culpabilizar sob o argumento de proteção dos seus membros a qualquer custo (GIRARD, 2012, p. 14 e 15). O autor aduz que as perseguições têm estereótipos que geralmente são coletivas e se desenvolvem em períodos de crise (GIRARD, 2004, p. 19).

O autor traz a ideia de que a sociedade tendencia a proteção de seus membros, entretanto fazer isso a qualquer custo desemboca na vítima sacrificial (GIRARD, 2012, p. 14). O sacrifício de uma vítima inocente (o bode expiatório) acalenta o sentimento de ódio e rivalidade disseminados em toda a comunidade. O homem Girardiano é movido pelo desejo mimético, age sempre desejando ser outro, essa é a raiz do ódio, da vingança e de todas as formas de exclusão (DE GODOY, 2012).

O desejo mimético desemboca no conflito mimético e por consequência gera abertura para a reciprocidade na violência. Segundo Godoy (2012), “a consequência dessa reciprocidade é que mais e mais pessoas são contagiadas pelo mesmo desejo e pela mesma rivalidade, a ponto do desejo mimético se transformar em obsessão recíproca de rivais”.

A violência contra a população LGBTQIPA+ (Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Poli, Não-binárias e mais) no Brasil possui um viés histórico-cultural, fruto do enraizamento de comportamentos que fundaram os padrões sociais e morais brasileiros. Contra o aludido grupo, a violência se externa de diversos modos na sociedade como uma vigília dos comportamentos, tendo como finalidade a manutenção permanente da heterossexualidade (PEIXOTO, 2018).

O Brasil é o país com a maior parada LGBTQIPA+ do mundo, tendo sido reconhecido internacionalmente pela implementação do programa “Brasil sem homofobia” em 2003 e continua em primeiro lugar das Américas como o país que mais mata pessoas da comunidade LGBTQIPA+. Em se tratando de pessoas travestis e transexuais, fica em primeiro lugar no mundo (CARDOSO, 2021). As pesquisas feitas, retratam que no Brasil ainda existem números elevados de violência contra os integrantes do grupo em anos consecutivos (PINHEIRO, 2022).

Na sociedade brasileira, essa violência é construída por padrões de gênero sedimentado no moralismo e conservadorismo, e possuem uma razão histórica, cultural e social. Formadores de opinião, tais como políticos e líderes religiosos, por meio das mídias incitam por vezes discurso de ódio face a população não heterossexual (PEIXOTO, 2018).

Fundamentando esta teoria, cabe citar Jéssica Tavares (2020):

Atualmente líderes religiosos e políticos têm se manifestado no sentido de que os direitos LGBT não devem ser respeitados e muito menos reconhecidos, pautados em argumentos que impactam a psicologia individual e coletiva dos ouvintes de modo a criar uma segregação social, exercendo forte influência sobre a população, o que cria obstáculos para as minorias sexuais na luta pela afirmação dos seus direitos.

Muitos líderes religiosos afirmam a heterossexualidade como única e legítima forma de relação afetiva entre pessoas. Justificando-se muitas vezes pela importância e materialidade do sexo biológico, tratando outras formas de relação como se fossem “não-naturais”, pregando inclusive pela heterossexualidade compulsória. Existe uma tendência a estigmatizações de pessoas LGBTQIPA+ por parte dos religiosos, que se manifestam de maneiras distintas, onde começa com a negação da diversidade sexual e de gênero até a produção de estereótipos (NATIVIDADE; DE OLIVEIRA, 2009).

René Girard, logo no início da obra “O Bode Expiatório” trata dos estereótipos da perseguição, aludindo a ideia de que as perseguições coletivas acontecem nas crises das sociedades. Por outro lado, quando a sociedade não está em crise, difere e dissimula os elementos, gerando uma troca de culturas, hostil e negativa. Essa reciprocidade não é de bons, mas de maus, por ser uma reciprocidade de insultos, de vingança, de golpes (2004, p. 19, 20 e 21), podendo de fato ser relacionado as perseguições religiosas ao grupo LGBTQIPA+.

Nesse sentido, cabe citar um trecho do artigo de Marcelo e Leandro acerca da sexualidade e a religião (2009):

O confronto de sujeitos que aderem a perspectivas conservadoras com a visibilidade e a articulação política de minorias sexuais enseja justificações religiosas que podem comparecer como fonte de legitimidade para estes juízos qualificáveis como homofóbicos, extraindo sua força de cosmologias, crenças e práticas cristãs. A homofobia religiosa, contudo, não se restringe ao plano das interações e aos manuais de cuidado pastoral. Formas de repúdio muito mais explícitas que a estratégia de acolhimento podem se configurar, atravessando a esfera privada e emergindo no espaço público. Ao apresentarem o

homossexualismo como prática contingente e moralmente condenável, os discursos sustentados por segmentos religiosos conservadores mais radicais subtraem a legitimidade às identidades LGBT e às reivindicações por cidadania correlatas.

Nesta breve conclusão podemos observar que os sujeitos que adotam o conservadorismo justificam-se por convicções religiosas e morais pelas práticas (conversão ao heterossexualismo, discursos de medo, ódio e perseguições) que buscam exterminar estes grupos minoritários.

Frequentemente afirmam que a violência é irracional, René Girard (2012, p. 13), por outro lado entende que não faltam razões para produzir violência, e que por melhor que estas sejam não devem ser levadas a sério. O autor complementa dizendo que quando a violência não é saciada, ela sempre busca uma vítima alternativa e aquele que excita sua fúria pode ser substituído por outro, muitas vezes em razão da vulnerabilidade (GIRARD, 2012, p. 13).

Importante ressaltar que os autores Marcelo e Leandro (2009) frisam que a respeito dessa questão das relações entre diversidade sexual e religião, há a existência de várias respostas e que estas variam de acordo com a religião e com cada sacerdote. Eles afirmam que existem religiões como as de matrizes africanas, por exemplo, onde esses grupos possuem espaço para valorização da diversidade sexual, diferente dos posicionamentos majoritários dos católicos e evangélicos, que persistem na rejeição às práticas diversas da heterossexualidade, e que as qualificam como pecado com inúmeras estratégias discursivas (NATIVIDADE; DE OLIVEIRA, 2009).

Com relação aos políticos, desde os tempos mais remotos, muitos promovem discurso de ódio a fim de se afirmarem politicamente em cargos eleitorais. Segundo Schäfer, Leivas e Santos (2015), “o discurso de ódio está dirigido a estigmatizar, escolher e marcar um inimigo, manter ou alterar um estado de coisas, baseando-se numa segregação. Para isso, entoa uma fala articulada, sedutora para um determinado grupo, que articula meios de opressão”.

Discursos sobre a manutenção da família heterossexual, cura gay, discursos segregadores e discriminatórios, são manifestações de caráter intolerante ao diferente, e que induzem ao ódio a um determinado grupo. A inferiorização provocada pela fala do agente político coloca o grupo na condição de inimigo, incitando aos adeptos do discurso a prática

dessas mesmas ideologias. Assim, o sujeito tido como diferente, ou aquele que escape da visão conservadora a qual entende existir relações afetivas apenas entre o homem e mulher, passa a ser colocado como um inimigo por protagonizar a catástrofe social que poderá levar a extinção tanto da família “tradicional” quanto da própria humanidade (SCHÄFER; LEIVAS; DOS SANTOS, 2015).

Fruto dos movimentos sociais, atualmente no Brasil os LGBTQIAP+ possuem alguns direitos resguardados, como o casamento civil e a adoção, o direito a usar o nome social e alteração de nome e de gênero, a criminalização da homofobia, dentre outros (PEREIRA, 2016). Entretanto, diálogos entre movimentos sociais e o Poder Público ainda são retratados como articulação perigosa por propagar “valores não-cristãos” e contra a família, com a propagação de medos coletivos que associam as diversidades sexuais à pedofilia, à propagação de ISTs (Infecções Sexualmente Transmissíveis) e à corrupção dos valores da sociedade e outras vezes a doença (NATIVIDADE; DE OLIVEIRA, 2009).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar do homem Girardiano agir sempre pelo desejo mimético de projeção própria em seu modelo, essa projeção não deveria ser negativa ao ponto de acarretar na violência que ele projeta no seu rival. Os religiosos e alguns políticos conservadores serem movidos pelo desejo de conservar e manter a sociedade nos padrões antigos infringem diretamente na dignidade da pessoa humana dos grupos que não são adeptos às suas ideologias.

Essas manifestações de políticos e de líderes religiosos, sob os mais diversos argumentos, possuem caráter discriminatório e intolerante, que introduzem ódio, inferiorização e coloca o grupo na condição de inimigo, criando uma rivalidade entre a massa social e o grupo minoritário, fazem dos LGBTQIPA+ um bode expiatório da sociedade brasileira atual.

Seja em razão do patriarcado, seja do conservadorismo, seja por ausência de políticas públicas ou da efetividade da justiça e da segurança pública, o que conclui-se é que existe um paradoxo inexplicável no Brasil, pois é um país com uma população enorme de LGTQIPA+, possuindo a maior parada em prol da causa do mundo e ainda sim, apresenta

números impactantes no que se refere a pessoas que sofrem pelo extermínio de suas identidades de gênero e orientação sexual.

Os discursos dos líderes religiosos e políticos possuem muita relevância entre os fiéis e seguidores, e acabam por gerar a produção de estereótipos e ideologias que zelam pela hegemonia de poderes que oprimem, excluem e matam, direta ou indiretamente, a população LGBTQIPA+ no Brasil, deste modo, vislumbrasse o mimetismo de Girard na imitação dos modelos que se projetam e em seus rivais.

Notadamente, ainda existe na sociedade brasileira uma busca por parte de alguns grupos pela opressão de gênero, sob a esfera do conservadorismo religioso e do patriarcado. Sabe-se que muito já se evoluiu no Direito em prol desse grupo, mas que esta população ainda anseia por mais políticas públicas efetivas, inclusive no que tange a uma estatística oficial de mortes.

REFERÊNCIAS

AVELAR, Rezende Bruno de; BRITO, Walderes; MELLO, Luiz. A (in) segurança pública que o estado brasileiro oferece à população LGBT: mapeamento crítico preliminar de políticas públicas. **Políticas públicas para população LGBT no Brasil**, 2010.

CARDOSO, Priscila. Brasil é o país que mais mata pessoas da comunidade LGBTQIA+ no mundo. **Agência de Notícia das Favelas**, 2021. Disponível em <<https://www.anf.org.br/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-pessoas-da-comunidade-lgbtqia-no-mundo/>> Acesso em: 24, jun. 2022.

DE ALMEIDA NETO, Luiz Mello. Um olhar sobre a violência contra homossexuais no Brasil. **Revista Gênero**, v. 4, n. 1, 2003.

DE GODOY, Pe Edvilson. Enfoques do pensamento de René Girard. **Revista de Cultura teológica**, n. 80, p. 119-140, 2012.

ESTEVES, Ana Carolina Xavier. O protagonismo dos movimentos sociais LGBTs no Brasil: Dados de suicídio e violência homofóbica. 2017.

GOMES, Marceli et al. A violência para com as pessoas LGBT: uma revisão narrativa da literatura Violence to LGBT people: a narrative review of literature. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 3, p. 13903-13924, 2021.

TAVARES, Jéssica. Discursos de ódio homofóbico e a intolerância com a escolha de cada indivíduo. **International Journal of Digital Law**, v. 1, n. 2, p. 127-130, 2020.

MARTINS, Marco Antonio Matos; FERNANDEZ, Osvaldo; NASCIMENTO, Érico Silva do. Acerca da violência contra LGBT no Brasil: entre reflexões e tendências. **Seminário Internacional Fazendo Gênero**, v. 9, n. 9, 2010.

NATIVIDADE, Marcelo; DE OLIVEIRA, Leandro. Sexualidades ameaçadoras: religião e homofobia (s) em discursos evangélicos conservadores. **Sexualidad, Salud y Sociedad-Revista Latinoamericana**, n. 2, p. 121-161, 2009.

NUNES, Plácido Adriano de Moraes et al. Como se computa a violência homofóbica no Brasil? Dados, reconhecimento e visibilidade do movimento LGBT em Maceió-AL. 2018.

PEIXOTO, Valdenizia Bento. Violência contra LGBTs no Brasil: Premissas históricas da violação no Brasil. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 10, p. 7-23, 2018.

PINHEIRO, Ester. Há 13 anos no topo da lista, Brasil continua sendo o país que mais mata pessoas trans no mundo. **Brasil de fato**, 2022. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2022/01/23/ha-13-anos-no-topo-da-lista-brasil-continua-sendo-o-pais-que-mais-mata-pessoas-trans-no-mundo>>. Acesso em: 24, jun. 2022.

SCHÄFER, Gilberto; LEIVAS, Paulo Gilberto Cogo; SANTOS, Rodrigo Hamilton dos. Discurso de ódio: da abordagem conceitual ao discurso parlamentar. **Revista de informação legislativa: RIL**, v. 52, n. 207, p. 143-158, jul./set. 2015.

SEHNEM, Scheila Beatriz; DOS SANTOS NETO, João Tomaz. Violência e resiliência: um estudo sobre as reações cognitivas comportamentais da população LGBT. **Seminário de Iniciação Científica e Seminário Integrado de Ensino, Pesquisa e Extensão**, 2017.

SOUZA, Martha Helena Teixeira de et al. Violência e sofrimento social no itinerário de travestis de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 31, p. 767-776, 2015.